Capítulo 1
Movem-se as peças

Claude já não aguentava mais ouvir as mesmas músicas naquela jukebox do barzinho do Tobias. Sempre a mesma sofrência para embalar as danças desajeitadas de casais improváveis e repentinos que se juntaram ao álcool para se lamentarem de sei lá o quê. Sua rotina da casa para o trabalho, do trabalho para casa era, às vezes, quebrada por insistentes pedidos dos colegas da faculdade na qual lecionava Arte Grega e Romana, em especial de Soninha, companheira de horas difíceis, como quando de sua separação, para uma divertida noitada. Soninha e o marido, um alemão dócil e prestativo, médico enraizado no Brasil, foram um suporte muito importante quando Claude se separou. Aliás, Soninha estava demorando para voltar de sua ida ao banheiro o que fazia com que um diálogo mudo acontecesse entre Claude e o copo de cerveja, degustado lentamente, com goles que lembravam argumentos para justificar o vazio que sua vida amorosa atingira. Soninha estava de volta.

_ Pronto, Claude. Agora cabe mais umas duas garrafas de cerveja.

Riram, mas Claude já se enchera, não da companhia, mas de mais uma noite que terminaria como todas, jogando em sua cara o quanto o amor lhe fora negado, da forma mais covarde possível.

_ Pra mim já deu, Soninha. Amanhã dou aula em dois turnos e já começo às sete da manhã. Tá na hora de ir.

_ Amanhã tô de folga, mas se você quer ir, vamos então. Mas deixa eu te falar uma coisa antes, de amiga pra amigo.

Claude já conhecia esse ritual de palavras, mas ouviu, de novo, com uma forçada atenção.

_ Claude, já faz quase um ano e meio que a Raquel fez aquilo. Foi sacanagem, foi terrível, mas a vida tem que seguir em frente. Você tá limitando sua vida em trabalhar, ir pra casa e ceder aos meus insistentes convites para sair um pouco. Se não fosse isso você nem teria vida social. Para com isso, cara !! Dá uma chance pra você mesmo. Você só tem 35 anos...

_ 34

_ Tanto faz. Parece que tudo tá perdido e conheço pessoas que tem mais de sessenta e encontraram a paixão nessa altura da vida.

_ Tá sugerindo que eu vire um “sugar daddy”?

Não aguentaram esse comentário e caíram na risada.

_ Claro que não, bobo. Apenas dê uma chance pra você mesmo. Promete?

_ Tá bom, prometo.

Se abraçaram e isso pôs fim naquela rápida noitada no barzinho.

Na porta de casa, logo após guardar seu carro na garagem, Claude ficou parado em frente à porta o suficiente para se perguntar por quanto mais tempo sua vida seguiria aquela rotina. Pensou de uma maneira diferente nas palavras de Soninha, abaixou a cabeça e olhando fixamente para suas chaves, suspirou, abriu a porta e entrou. A casa que alugou não trazia lembrança de seu frustrado passado, era apenas o silêncio e a ausência que incomodavam todos os dias em que ele abria a porta e parava por alguns instantes na pequena sala, antes de acender a luz. Mas o compromisso o chamava para o quarto, precisava dormir para dar conta de uma jornada dupla de aulas e de muito alunos universitários. Apenas torcia para que o sono chegasse logo e não permitisse que o silêncio do quarto trouxesse à tona a solidão que sua vida se tornara. Não queria, de novo, fazer as mesmas perguntas de todas as noites. Por sorte, não demorou para dormir.

Enquanto o jovem professor universitário da cidade de Santa Clara agora dormia, na cidade vizinha de Esperança, olhos grudados na tela do celular não deixavam Julie sequer imaginar em dormir sem ter plena

certeza de que algo de novo sobre o seu passado recente não estava pipocando nas redes sociais. Os dedos da jovem de 23 anos pararam de

arrastar a tela e seus olhos marejaram, antes de se fecharem para que uma lágrima escorresse pela sua bochecha. Ela chorou em silêncio. O perfil da rede social de um jovem chamado Beto anunciava com a frase "agora encontrei o amor da minha vida" a série de fotos com uma menina loira e com algumas sardinhas no rosto. Julie entrara há pouco mais de um ano na faculdade da cidade para o curso de Fisioterapia e como era de santa Clara, morava em uma casa de aluguel próxima à faculdade com uma tresloucada, mas inseparável amiga de curso e da vida que fizera, Maria Tereza, a Teca. Teca entrou no quarto da amiga, vindo da faculdade e já chegou metralhando:

_ Ah, Julie, você não acredita o que aquela megera da professora de Anatomia fez comigo. Vai me segurar no semestre por falta, por míseras três faltas, isso não é justo, eu não acredito...

Interrompeu sua entrada quando percebeu que, de novo, o que mais ganhava destaque no lindo rosto de Julie eram as lágrimas.

_ Oh, amiga, o que foi? O que aconteceu? Dá aqui o celular.

Julie bem que tentou negar, mas sabia que Teca ia pegar o celular de qualquer maneira.

_ Ah, Julie, de novo ??? Quando você vai parar de se torturar seguindo esse cretino do seu ex? Você tá empatando sua vida, mulher.

_ Você viu o que ele escreveu no perfil, Teca?

_ Vi e daí? Eu sei que foi barra pesada o que aconteceu, mas não tem como apagar o passado e chega uma hora em que ou a gente se enterra no passado ou enterra ele. Bola pra frente, amiga. Tá cheio de gatinho na faculdade e tem um monte de carinhas que basta você estalar o dedo que vem correndo pra você. A vida tá seguindo, Julie e você tá insistindo em sofrer. Você ainda gosta dele? fala a verdade.

_ Juro que não, só não entendo como ele pode agir como se nada tivesse acontecido ou como se tudo tivesse sido muito natural.

_ Alguns carinhas são assim, ou melhor, muitos carinhas são assim. Fazer o quê? Você tem que superar isso.

Vamos fazer uma pequena viagem dois anos atrás, no Colégio Aliança, na cidade de Santa Clara para encontrarmos uma Julie completamente diferente dessa que chora no quarto perto de sua amiga.

Capítulo 2
A primeira verdade dói mais fundo

A colegial Julie acordou animada para mais um dia de aula no ensino médio. Tudo estava muito bem em sua vida, era uma das melhores alunas da sala, os negócios de seu pai com exportação iam de vento em popa, era considerada por muitos a menina mais linda da escola e, por isso invejada por várias garotas e desejada por muitos alunos. Mas Julie namorava há um tempo considerável com Roberto, o Betinho, a razão de incontáveis suspiros das meninas da escola. Julie dividia a empolgação do vestibular que se aproximava com a alegria de se encontrar com o namorado todos os dias na escola e, claro, em qualquer lugar que fosse. Mas não são todos os dias reservados para manhãs de sol e brisas ao cair da tarde, há também os dias de chuva que podem piorar quando tempestades se aproximam. Julie não sabia que vendavais estavam por vir.

Em meio a uma tarde rotineira de estudos em sua casa, a menina sentiu pela primeira vez um enjoo, que passaria despercebido, não fosse a insistência desse mal estar. Isso seguido da confirmação, após alguns dias, do atraso de seu ciclo. Sim, Julie, apesar de muito cuidadosa em tudo que faz, se descuidou e isso foi o bastante para que ela se visse entrando numa farmácia para comprar um teste de gravidez. Sem dizer uma palavra aos pais, a menina se testou e não soube dizer ao certo por quanto tempo ficou estática, sentada no vaso sanitário, olhando para aquele pequeno aparelho, portador de uma grande dor de cabeça para ela. O que fazer? Como contar aos seus pais? E o que Beto iria dizer? Ficou evidente que sua maior preocupação, naquele momento era qual seria a reação do namorado. Correu para a casa dele. Beto atendeu a porta com o sorriso e carinho de sempre.

_ Oi, meu amor !!! O que aconteceu? Você estava estranha no telefone.

_ Beto, a gente precisa conversar, mas não pode ser aqui. Vamos sair.

_ Tá, tudo bem, mas você está me assustando.

Entraram no carro do garoto e deram uma pequena volta para parar na primeira pracinha que encontraram. Nem foi preciso sair do carro. Julie já foi direto ao ponto.

_ Beto, você sempre diz que me ama. Você ama mesmo? até que ponto?

_ Que pergunta é essa? Não tô entendendo nada.

_ Responde, por favor, você me ama mesmo?

_ Claro, Julie. Você sabe que sim.

_ Beto, sem rodeios. Eu tô grávida. Tô atrasada e fiz o teste que confirmou isso.

O garoto fez um silêncio que não deixava pistas para se interpretar, estaria feliz, surpreso, revoltado, assustado? Julie continuou.

_ Eu fiquei sem saber o que fazer e minha primeira reação foi te procurar.

Beto a abraçou com uma ternura até então inédita para o casal e disse com a calma de um adulto, seguro do que diz e do que vai fazer.

_ Oh, meu amor. Não era o que a gente tinha planejado, mas é o momento mais lindo que podíamos ter um com o outro, um filho !!! Olha, se fomos capazes de fazer uma criança, seremos capazes de criar e amar esse filho. O importante é estarmos juntos e enfrentarmos juntos as consequências do que fizemos. Sou seu namorado e estou com você acho que agora para o resto de nossa vidas.

Julie não conteve as lágrimas e apertou o namorado com toda força.

_ Oh, Beto, como eu te amo !! sabia que você ficaria do meu lado num momento como esse.

_ Nesse momento e em todo momento de nossas vidas. Eu amo você, Julie e já amo esse bebê. Vamos enfrentar tudo isso juntos.

Julie se enchia de confiança e sentia que podia enfrentar qualquer coisa com Beto ao seu lado, mas pediu cautela ao rapaz.

_ Mas não vou contar de imediato para os meus pais não. Vou esperar o melhor momento.

_ Tudo bem, Julie, desde que eu esteja do seu lado quando você contar, eu concordo.

Não havia mais nada para o casal dizer um ao outro. Se abraçaram e se beijaram, dividindo uma força e companheirismo como nunca tinham feito antes.

Após uma boa noite de sono e mais aliviada, Julie saiu apressada para a escola, mal dando tchau para seus pais. Elvira, sua mãe, uma secretária exemplar e muito influente entre os advogados para os quais prestava serviços, comentou com Edgar, seu marido.

_ Não estou gostando do jeito dessa menina esses dias, tem algo acontecendo.

Ganhou apenas resmungos do marido que dividia o olhar na tela do celular com rápidos goles de um fervente café.

_ Não é nada, mulher, cisma sua.

Julie chegou na escola e foi direto à sala do cursinho, procurando por um rosto conhecido, que estranhamente não estava ali. Perguntou por Beto mas ninguém sabia dele. Foi para sua sala de aula sem muita preocupação, afinal ele devia somente estar atrasado, isso já acontecera.

Quando em casa, insistia em ligações e mensagens que nunca retornavam. A tempestade estava se formando na vida de Julie. Decidiu ir até a casa de Beto.

Seu dedo já estava trêmulo de nervosismo e de tanto apertar a campainha. Ninguém atendia. Um simpático vizinho é que fora o portador da mais terrível notícia para a garota. A família saíra de viagem e o vizinho pôde perceber a quantidade de malas que o garoto enfiou no carro de uma mãe nervosa e esbravejante. Julie finalmente entendeu tudo.

O que se seguiu foram os piores dias da vida de Julie. Contar aos pais, enfrentar os olhares de desprezo e zombaria na escola, até culminar na tentativa de suicídio com excesso de remédios. Tudo isso seguido da perda do bebê. O céu se tornou rapidamente o pior dos infernos para ela.

Capítulo 03
O destino começa a agir

Claude chegou cedo, como de costume na faculdade estadual de Santa Clara e já foi recebido pelo costumeiro largo sorriso do porteiro, Seu Antenor, com suas intermináveis histórias de pescador. Na sala dos professores, se aconchegou no seu cantinho de sempre para uma breve repassada no conteúdo das aulas que daria. Aos poucos, os colegas de magistério iam chegando e falando de assuntos tão diversos que nem eram percebidos pelo compenetrado professor. Mais um dia como vários outros quaisquer.

No turno da noite, ao encerrar o dia e se preparar para tomar o entediante caminho de casa, foi surpreendido por uma intimação de Letícia, a professora de História da Educação.

_ Claude, acabei de receber um áudio da Soninha e ela reservou uma mesa pra gente no restaurante Garfo e Gourmet. Ela já tá esperando a gente lá e exigiu que eu te arrastasse pra lá se fosse preciso.

_ Ah, Letícia, tô cansado, tô dando aula desde cedo e já são onze da noite. Fica pra outro dia.

_ Ah, tá bom...Espera aí.

Ligou imediatamente para Soninha e passou o celular para Claude.

_ Oi Soninha !!!

_ Oi uma ova, pode vir pra cá agora, que o Hans chegou de surpresa e já armou esse encontro só pros amigos e ele faz questão que você venha.

_ Tô muito cansado e com sono, Soninha, acho que não vai dar não.

Do outro lado, uma voz pesada e, ao mesmo tempo animada, disse para Claude.

_ Claude, venha aqui rapaz, se você não vier, vou na sua casa te arrastar pra cá.

_ Hans !!!!! Que prazer, meu amigo.

_ Prove então que é um prazer e venha já pra cá.

_ Tudo bem, meu amigo, eu vou.

Desligou o celular, mas não devolveu para Letícia sem um oportuno comentário.

_ Eu te mato, Letícia.

A professora riu e se juntou aos outros colegas.

_ Vamos Claude, você vai de carona ou vai no seu carro?

_ Vou no meu, podem ir que já alcanço vocês.

O encontro durou mais do que Claude previra, mas a surpresa veio já quase no final da noite. Soninha tinha uma surpresa para o amigo.

_ Claude, na semana que vem, temos a semana de saco cheio. Bom, o Hans e eu vamos para a Alemanha visitar os parentes de lá e nós gostaríamos que você passasse essa semana na nossa casa na praia, lá em Caibó, você sabe. De graça, com todo conforto que você merece. O que você me diz?

_ Poxa, Soninha, faz tempo que não sei o que é viajar...

Com seu jeito festivo e carinhosamente escandaloso, Hans bateu o martelo, sem dar chance de Claude sequer pensar para responder e batendo um molho de chaves na mesa, quase gritou.

_ Então tá tudo acertado. Pode ir já nesse sábado e só me volta no último dia. Já pedi para o caseiro abastecer a geladeira com comida e bebida. Aproveita bastante, meu rapaz. Você merece.

_ Já que vocês insistem tanto, tudo bem. Sábado eu pego estrada então.

Soninha soltava gritinhos de satisfação.

_ Ótimo, nós vamos pegar o voo na sexta pela manhã. Divirta-se Claude. Areje a cabeça e volte um novo homem.

Engraçado como ser um novo homem era uma coisa que Claude não encontrava forças para fazer e duvidava que uma pequena temporada numa praia fosse mudar alguma coisa. Mas não tinha como recusar e, já no próximo sábado, partiria.

No final da sexta aula de uma manhã muito cansativa, Julie se apressou em ir pra casa e um considerável tempo depois, Teca chegou esbaforida.

_ Julie, Julie, se prepara, vamos pegar estrada pra Caibó sábado cedinho. Vamos passar a semana de saco cheio na casa de praia dos pais do Celsinho e não adianta inventar historinhas porque você vai e pronto.

_ Calma, Teca. Que história é essa de praia?

_ Isso mesmo, praia, sol, mar, garotões... pra você, porque é claro que tô num esquema com o Celsinho. A Luíza e o Marcelo vão e o Paulinho tá nessa também.

_ Mas você nem perguntou se eu quero ir e você sabe que tenho que dar um toque na minha mãe.

_ Esquece, já fiz isso. Contei pra ela que você tá num baixo astral e que uma semana na praia ia ser bom. Ela concordou na hora.

_ Não acredito que você fez isso !!!

_ Ah, Julie, na boa, eu quero muito ir, mas você meio que precisa ocupar a cabeça com um ambiente diferente. Tentar sorrir ao invés de só chorar.

_Não sei...

_ Ah, amiga... por mim, vai... vamos sim, vai ser legal uma semana com a galera toda.

_ Tá bem, vou por você.

_issooooooooo !!!!!!

Julie não aceitou a intimação como algo que fosse impactante para seu estado de espírito, mas mais para não desapontar a amiga. Julie sabia da importância da amiga nas horas mais difíceis que passou.

O sábado chegou e, logo cedo, Claude já estava com tudo empacotado no carro e, após uma rápida olhada para a sua casa, pegou a estrada rumo ao litoral. De Santa Clara até a praia de Caibó seriam umas três horas de viagem, no mínimo. Suspirou desanimado, ligou o som do carro que tocava uma música bem suave, mas melancólica e deu a partida no carro.

Em Esperança, um animado grupo de estudantes não se entendia ao colocarem as malas no espaçoso carro de Celsinho. Todos estavam animados e ansiosos, menos Julie que levou pouca coisa e por isso já aguardava sozinha dentro do carro pelos outros. Celsinho questionou Teca:

_ Teca, eu sei que ela é sua amiga, mas eu espero que ela não estrague a semana com essa cara de enterro. A gente tá indo se divertir.

_ Poxa, Celsinho. Ela tá passando por uma barra pesada, mas ela vai superar. O mar vai fazer bem pra ela.

_ Espero que sim. Ela tem que sacar que o problema dela ter engravidado e tudo mais foi escolha dela. Ninguém obrigou ela...

Teca cortou o assunto.

_ De boa, Celsinho, já entendi, mas segura a onda aí e nem pensa em tocar nesse assunto com ela, por favor.

_ Tá bom, tá bom. Agora vamos rodar que já deu hora.

Todos acomodados no carro, música alta e rumo à praia.

Capítulo 04

Novos ventos surgem no horizonte